

## A. J. SAMPAIO, O NATURALISTA

O Passado se distingue do Presente principalmente por isso que das cousas passadas perdemos o senso de complexidade.

Êsse pensamento profundo que nos legou o gênio de POINCARÉ encerra o destino coletivo das vidas de que é feita a História: à medida que o tempo corre os contrastes violentos vão desaparecendo e muitas cousas ocultas surgem por entre a espuma desfeita das aparências. E assim nossa época, cheia de contradições ásperas, deixará entrever no futuro existências obscuras e distantes, mas vividas na procura da harmonia que rege as expressões da Vida.

Os que tiveram o prazer de conhecer de perto êsse ideal sabem o quanto êle encerra de estímulos e compensações. Só êsses podem verdadeiramente compreender como surgem intrepidez, paciência e abnegação — a serviço de uma causa abstrata. É que êsse trabalho, mais do que nenhum outro, atesta a cada passo a identidade do Bem, do Belo e do Verdadeiro, que desde SÓCRATES vem dando aos espíritos a estabilidade e a esperança de que necessitam para viver nobremente.

Muitas vezes o naturalista itinerante vê nascer gloriamente o Sol enquanto começa sua caça às plantas novas. Vibra na alegria de encontrar espécies raras e longamente procuradas. Adormece com a plena consciência de um esforço altruista, na serenidade das noites em que só a escuridão obriga a parar a pesquisa. Descortina os panoramas das serras, vendo o desenrolar dos planaltos, ondulantes e



verdes, que se perdem nas distâncias fartas. Penetra nas matas escuras, em que há árvores seculares, e que estão cheias dos sons de uma sinfonia fantástica. Percorre desertos arenosos, com ilhas vegetais semeadas de espinhos. Sonda grandes massas de oceano à procura de algas.

Imagens que sugerem a moldura imensa destinada a conter o quadro da Evolução.

Enquanto êsses viajam e colecionam, outros, dando vasão a um temperamento diferente, trabalham sôbre pequenas amostras colhidas, como quem procura entrever a paisagem através da seteira resgada na espessura da muralha. Cercam-se de mil aparelhos, dotando o pensamento com sentidos mais agudos. Teem olhos poderosos, que veem com diversas radiações e dedos mecânicos que manipulam delicadas células. Decifram as estruturas, em que a construtividade da Natureza se esmerou, colorindo-as com tintas brilhantes. Vivem as surpresas incríveis e desconcertantes dos resultados de experimentos, em que a Vida revela suas potencialidades ocultas. Descubrem os baixo-relêvos soterrados que atestam tentativas fracassadas de vários modos de ser.

Em todo êsse trabalho filtram uma aluvião de dados, separando a causalidade da ganga das correlações.

E assim tecem uma tela, sempre provisória, feita de engenhosos raciocínios.

Mas sabem voltar à Natureza, fugindo ao cipal dos símbolos, quando êstes, enovelados e irritantes, embaraçam e confundem o espírito que busca a verdade. Regressam à planura dos fatos, onde a inteligência se sente livre como um solitário num campo batido pelo vento, face a face com o desconhecido, podendo começar tudo de novo, muitas e muitas vezes, lutando sempre e alegremente, até o fim.

L. F. G. LABOURIAU.